

O Sensacionalismo e a Função Social do Jornalismo Policial Maranhense: Um Estudo do Programa Bandeira 2¹

Samantha Kelly Tinôco ARAÚJO²
Alexandre Bruno Goveia COSTA³
Universidade Ceuma, São Luis, MA

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre programa policial da televisão maranhense, investigando o potencial sensacionalista e possíveis funções sociais criadas acerca da narrativa elaborada por esses tipos de telejornais, levando em consideração o papel que a mídia possui na construção social da realidade. Debatendo e criando uma reflexão teórica sobre a forma como a cobertura de casos policiais tem se tornado produto de entretenimento. O objeto de estudo escolhido foi o programa Bandeira 2, o noticiário policial mais antigo do Estado do Maranhão, buscando investigar a capacidade de comunicação dos noticiários dessa vertente, por meio dos métodos comunicativos e interativos que são traçados ao longo desses produtos midiáticos.

Palavras-chave: Jornalismo policial; Sensacionalismo; Espetáculo; Função social.

Abstract

This article is effect of a research about the police television shows, it investigates its potential sensationalism and possible social functions created around the elaborated narrative by these kinds of television programs, taking as a consideration the paper that the means of communication own the social construction of the reality. Disbanding and making a theoretical reflection about the way, as a covering of police cases has become entertainment product. The purpose of the study in the research was the television program called “Bandeira 2”, the oldest police news bulletin from Maranhão, it look for investigating the communication capacity of the stamp news bulletin, though the communicative and interactive methods the draw though of the products of the means of communication.

Keywords: Police Journalism; Sensationalism; Show; Social Fuction.

Introdução

Este artigo busca investigar a eficácia de comunicação dos noticiários de cunho policial, por meio dos métodos comunicativos e interativos que são traçados ao longo

¹ Artigo resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Univerdade Ceuma orientado por Alexandre Bruno Gouveia Costa.

² Graduada do curso de Jornalismo da Universidade Ceuma, email: samyaraujo8@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Prof. Mestre do curso de Jornalismo da Universidade Ceuma, email: alexandreceuma@gmail.com

desses produtos midiáticos. Entendendo que, a violência está presente nas mais diversas formas na mídia, e que essa violência manifestada de forma cruel e hostil tem levado a população a se indagar sobre o papel que os meios de comunicação cumprem na sociedade, já que de alguma forma a mídia contribui para a construção de realidade.

Consideramos uma das funções sociais do jornalismo fornecer informação que contribuam para o desenvolvimento da população, os autores Kovach e Rosenstiel (2004) apontam elementos necessários para que as notícias tenham fundamentos como: compromisso com a verdade, independência e lealdade. Na obra *Os Elementos do Jornalismo* (2004), o intuito do jornalismo se estabelece pela função que a notícia tem na vida das pessoas (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004). Assim sendo, “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livre e se autogovernar” (KOVACK & ROSENTIEL, 2004, p. 31).

O objeto de estudo a ser analisado durante o artigo, é o programa *Bandeira 2*, da TV Difusora, um dos mais antigos programas de jornalismo policial maranhense, pensado num contexto para impactar do público. Durante a programação, a linguagem e o modo de interagir com a audiência é baseado no chocante.

Segundo Rosa Niveia Pedroso (apud, ANGRIMANI, 1995, p.14), o sensacionalismo adota critérios de intensificação e exagero, com elementos desproporcionais ao acontecimento, causando expectativa e buscando sempre o envolvimento com o público, é importante chocar.

A pesquisa tem como objetivo entender o que estimula a criação de um programa jornalístico sensacionalista; como se constitui uma narrativa sensacional; buscar possíveis funções sociais construídas a partir das reportagens exibidas e apresentar o resultado de uma pesquisa sobre o sensacionalismo e a função social do jornalismo policial aqui no estado do Maranhão.

1. Jornalismo de sensações

A televisão historicamente no Brasil ocupa uma posição em que pauta e orienta os cidadãos nas discussões que norteiam a opinião pública. Nestas condições, o jornalista assume função primordial na sociedade, informar e prestar serviço à

população com objetividade e qualidade, sobre assuntos de interesse. Além de auxiliar os indivíduos a compreenderem o mundo e seus acontecimentos.

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento das suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também por parte das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria, e ignorando a existência dos ideais mais nobres do jornalismo, que fornecem uma mante de legitimidade ao negócio (TRAQUINA, 2005, p. 207-208).

A elaboração de uma narrativa jornalística vem se transformando e ganhando novas práticas mediante a função social na qual a prática jornalística estabelece, como a construção social da realidade. Uma das narrativas praticadas mais questionadas, é designada como sensacionalista.

A cobertura de acontecimentos violentos é de grande demanda do jornalismo sensacionalista, na qual explora os fatos de maneira dramática e exagera no discurso rigoroso. A violência por fim, apodera-se do noticiário, expondo os crimes e as enfermidades que são realidades vividas pela sociedade.

O termo sensacionalismo é geralmente empregado para caracterizar de forma pejorativa um profissional da comunicação ou veículo, que extrapola a narração dos fatos na imensa busca pela audiência.

Por ser totalitário, o termo leva à imprecisão. O leitor (o telespectador, o ouvinte) entende sensacionalismo como uma palavra-chave que remete a todas as situações em que o meio de comunicação, no entender dele, tenha cometido um deslize informativo, exagerado na coleta de dados (desequilibrando o noticiário), publicado uma foto ousada, ou enveredado por uma linha editorial mais inquisitiva. Sensacionalista é a primeira palavra que a maior parte das pessoas utiliza para condenar uma publicação. Seja qual for a restrição, o termo é o mesmo para quase todas as situações (ANGRIMANI, 1995, p.13).

A narrativa sensacional se fundamenta no choque sensorial, criando no enredo a grande expectativa do telespectador para resolução dos crimes, originando o sentimento de que o programa realmente pode resolver os erros da sociedade. Normalmente telejornais dessa vertente usam do espaço para julgar e ditar penas aos criminosos.

Essa busca pelo sensacional é resultado de uma soma da indústria cultural com a sociedade do espetáculo, que se renova para adaptação no mercado de ideias. É necessário mais do que informar, o noticiário tende a modificar os acontecimentos em verdadeiros espetáculos, contribuindo para ampliar a audiência, com isso, as vendas.

1.1 História do jornalismo sensacionalista

Conforme Martín-Barbero (2009, p.151) a história da imprensa se inicia a partir da convergência do oral para o escrito, na transformação da literatura em folclore. A partir disso, a escolha do que vinha a ser noticiado e o modo como tal acontecimento era narrado, assume padrões que hoje entendemos como a narrativa sensacional.

Thompson (2012) destaca que nos centros da Europa, na segunda metade do século XV, começava-se a ampliar as indústrias gráficas, “montadas, em sua maioria, como empresas comerciais. Seu sucesso e sua sobrevivência dependeram da capacidade de mercantilizar formas simbólicas efetivamente” (THOMPSON, 2012, p.83,84).

Durante esta época, a ambição pela venda e o desejo pelo lucro já existiam, “livros populares, almanaques e outras publicações eram levados a todas as regiões do campo por vendedores ambulantes, que carregavam suas mercadorias de aldeia em aldeia e as ofereciam a bom preço” (THOMPSON, 2012, p. 92).

Por conta do limitado número de pessoas letradas, as primeiras notícias impressas – *pliegos* na Espanha – foram feitas para serem lidas em voz altas em locais públicos, tendo significado social, pois era a ferramenta de intercessão entre as pessoas e o acontecimento.

O conteúdo desses jornais se baseava em histórias trágicas, fabulas e afins, “especialmente aos relatos de crimes, nos quais o *pliego* lança as bases daquilo que mais tarde seria o jornalismo popular” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 156). Diante dessa situação, a opção de escolha por uma narrativa sensacional já era estratégia de venda.

Danilo Angrimani enfatiza que, “é na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas” (ANGRIMANI, 1995, p.17). De acordo com o autor, quando o indivíduo

olha notícias de cunho sensacionalista com temas não muito comuns, ele tende a se sentir atraído.

Segundo Sousa (2008, p 80) entre os anos 1560 e 1631, circulavam na França os periódicos *Nouvelles Ordinaires e Gazette de France*, “trazendo o *fait divers* fantástico e notícias sensacionais” (ANGRIMANI, 1995, p. 19).

Existiam também na época os *Canards*, conhecidos como pequenos jornais populares de uma página, com título, texto e imagens representativas, os que possuíam mais vendas eram os que continham *fait divers*; os vendedores desse material gritavam nas ruas, atraindo a atenção dos indivíduos para as manchetes, destaca Angrimani (1995).

Nos anos seguintes, com o aumento da população, os impressos noticiosos tornaram-se mais populares, adquirindo concorrentes e disputa por audiência. As notícias sensacionais eram consideradas o truque para desafiar e encarar a concorrência. Com isso criam-se a utilização de pequenas chamadas, ilustrações etc., a fim de reforçar o poder dramático da notícia.

1.2 A era da *penny press*: notícia como mercadoria

O século XIX, marcado pela informação e industrialização, trouxe a publicidade como ferramenta para driblar as transformações que a imprensa sofreu. A fase ficou conhecida como *penny press*, pois os folhetos custavam apenas um centavo, e *penny* era a moeda de um centavo da Inglaterra. Por ser barato, logo atraiu grande número de leitores, ocasionando uma reviravolta na imprensa.

Traquina (2005, p. 50) ressalta que a *penny press*, com um preço tão acessível conseguiu alcançar aqueles que não faziam parte da elite, logo se adaptaram e adquiriram o folheto noticioso, com isso a *penny press* agregou um público mais vasto e generalizado.

Durante este período, os acontecimentos e as informações eram julgadas como mercadorias, a *penny press*, usava o sensacionalismo como método para venda, na Europa, Estados Unidos e Inglaterra, os veículos de comunicação colocavam em seus textos emoções e prazer. Para o Ribeiro, o jornalista a partir disso tende a cumprir um

papel de mediador e educador dos indivíduos, torna-se um vendendo de jornais, mesmo que adultere os fatos para alavancar as vendas (RIBEIRO, 1994, p. 22).

Com base nisso, a imprensa passa a expor a opinião da sociedade a respeito dos acontecimentos, se impondo como meio de expressão, além do que, o jornalismo começava a ser caracterizado com valores de verdade, objetividade e independência, sendo assim, a imprensa estabelece o chamado “quarto-poder”, dando voz a opinião pública além de verificar/fiscalizar o poder público.

De acordo com Jaime Patias (2006), o progresso dos conglomerados econômicos desencadeia a ascensão da espetacularização. A mídia se direciona a um raciocínio, notícias sobre violência obtém a devida atenção dos telespectadores, os programas da televisão brasileira seguem esse padrão (apud, COELHO, 2006, p.84).

1.3 Narrativa jornalística sensacional

A criação de uma narrativa sensacionalista é centrada ênfase do exagero, de forma expressiva e grotesca, se encarregando de envolver o público durante a elaboração dos fatos transpassados na mídia. O autor Danilo Angrimani (1995), define a categoria sensacional como a extrapolação do real.

[...] sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria este tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. [...] (ANGRIMANI, 1995 p. 16).

Faz-se necessário interpretar o sensacionalismo como um aspecto jornalístico que trabalha a cobertura dos fatos com “intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico” (PEDROSO, 2001, p. 52). O sensacional e o inusitado provoca no ser humano um desejo de esclarecer e buscar solução para acontecimentos cotidianos, acontecimentos esses que são passados pela mídia.

Para Danilo Angrimani (p. 16), a notícia sensacionalista conduz uma linguagem que por si só impõe ao leitor abraçar o texto.

[...] sensacionalismo é basicamente uma forma diferente de passar uma informação; uma opção; uma estratégia dos meios. Mesmo um telejornal (ou radiojornal) não- sensacionalista pode ter momentos de sua produção sensacionalistas [...] (ANGRIMANI, 1995, p. 41).

Conforme Angrimani (1995), o sensacionalismo origina-se quando qualquer notícia ganha uma abordagem sensacional, com proporções exageradas e sem limite de realidade. “A linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto” (ANGRIMANI, 1995, p.41).

O modo de expressão exagerada na carga emocional e a apelação do discurso que prefere a espetacularização são características do sensacionalismo. O compromisso pela objetividade e realidade, acaba ficando disfarçado por outros critérios que transformam a notícia em mercadoria:

Entretanto, quando a notícia deixa de ser o relato e passa a ser a maneira, ou a roupagem com que é apresentada – rápida, sem apuração rigorosa, feérica, fantasiosa, vestida para chocar, exagerada, apelando para as sensações, o assombro, a admiração ou a repulsão do consumidor -, deixa de ser notícia, falseando a imagem da realidade. Ressalta-se nuances de poucas relevâncias, apenas garantidores de emoções, e contribui-se para reforçar mitos e credices. (JORGE, 2008, p. 78).

O discurso sensacional se constrói apoiado em sensações, afetos e emoções, em que na narrativa está introduzido o hiperestímulo das sensações e a grande dramatização do fato.

[...] essa ampla escalada do divertimento sensacionalista foi claramente um sinal dos tempos: o sensacionalismo era a contrapartida estética das transformações radicais do espaço, do tempo e da indústria. Ao evitar uma explicação mais estritamente socioeconômica, eles conceberam a comercialização do “suspense” como um reflexo e um sintoma (assim como um agente ou catalisador) da modernidade neurológica (SINGER, 2004, p. 115).

Normalmente os programas de cunho policial utilizam de recursos sensacionalistas para chocar seu telespectador, provocando-os então sensações de ódio e realidade hostil, aflorando-nos quais o desejo pela punição dos acusados.

Quando tais programas optam por debater as mazelas da sociedade inserida, criam-se o clichê do estereótipo de que a criminalidade está presente somente na classe mais baixa.

A imprensa sempre se fez presente em mobilizações sociais, quando uma infração é tratada com sensacionalismo faz-se presente a indignação e grande demanda por justiça, os meios de comunicação acabam estimulando movimentos sociais de massa na busca pela justiça, as vezes antes mesmo que o problema seja resolvido com as autoridades. Para Muniz Sodré (1994), “a imprensa brasileira, por exemplo, tem uma tradição de lutas política memoráveis – da abolição da escravatura à derrubada do Estado Novo” (SODRÉ, 1994, p.27).

Rosa Nívea Pedroso (2001) acredita que na narrativa sensacional o telespectador satisfaz seus desejos através de tragédias e acontecimentos violentos.

O jornalismo sensacionalista, pela maneira própria de engendramento discursivo, estrutura, representa e permite o acesso ao mundo da liberdade pela exploração dos temas agressivos, homicidas e aventureiros, que não podendo realizar-se na vida cotidiana, submetida à lei e à censura, tendem a realizar-se, projetivamente, na leitura. Isto é, na realização da construção. (PEDROSO, 2001, p. 49).

Na perspectiva de retomar e fortalecer o caráter de objetividade jornalística dentro do sensacionalismo adotam-se critérios de noticiabilidade e valores-notícias que na construção da narração dos acontecimentos viram a garantir novas abordagens, de forma a aprimorar a qualidade de textos jornalísticos.

2. O programa Bandeira 2

O programa Bandeira 2, exibido todos os dias na TV Difusora, é o mais antigo telejornal policial Maranhense, hoje em dia o programa serve como modelo de criação de outros programas locais dessa com essa mesma vertente.

Telejornais de cunho policial que surgiram na década de 1990 até hoje adquirem tremenda audiência em diversas emissoras. O Bandeira 2 permanece no ar na TV Difusora depois de longos 21 anos, o formato do programa e horário de exibição quase não mudaram desde então, as únicas mudanças significativas durante essa

trajetória foram investimentos na produção das reportagens; no ano de 2007 o programa adquiriu um estúdio profissional.

O programa dispõe de características que lhe fazem se integrar no gênero jornalismo policial, as reportagens exibidas sempre mantem um padrão de roubo, brigas entre facções e/ou vizinhos, homicídios e afins, a construção das reportagens em cima desses acontecimentos geralmente é carregada de um discurso exagerado atraindo a atenção do telespectador e transformando os fatos em verdadeiros espetáculos.

O programa é elaborado de maneira a impactar o público, exibindo cenas de operações policiais, cenas em delegacias do estado, etc., a linguagem usada para se referir aos meliantes é sempre em tom de julgamento e repreensão, em algumas vezes já condenando bandidos que ainda são considerados suspeitos pelas autoridades.

O apresentador, Silvan Alves, também é repórter do Bandeira 2, durante a cobertura dos crimes, ele faz críticas e demonstra sua total indignação diante do ocorrido. Como principais fontes do telejornal, delegacias da cidade, hospitais de pronto atendimento e bairros periféricos da cidade estão sempre presentes nas reportagens produzidas, com isso cria-se uma relação repórter-fonte em que os delegados presentes demonstram já conhecerem o repórter, além de se orgulharem em mostrar no programa o submundo do crime, as mazelas da sociedade e os criminosos apreendidos.

Como todo e qualquer bom produto da mídia, o programa dispõe de canais de comunicação que fornece denúncias e algumas vezes informações que são uteis para investigações policiaes, o público pode interagir com o apresentador por meio do WhatsApp, e com a produção do programa por meio de um número fixo, além do e-mail do programa.

Ao analisar reportagens do programa, ressaltasse que o contexto social vivido e o contexto na qual o programa foi criado, influência na construção da narrativa do programa, desde a exibição das imagens e escolha dos ângulos.

Formatos de programa como o Bandeira 2, produzem de maneira estratégica a sensação de vigilância persistente, a função social do programa jornalístico passa a ser de um “olho” pronto pra desmascarar o mal. Assim, compartilhando e retroalimentando o público com o sentimento de dever cumprido e combate ao mau. A questão que

implica ao sensacional aqui é mostrar que esse ‘mau’ faz parte de instrumentos técnicos-narrativos que promovem o choque, por meio do sensacionalismo elevando o grau de experiência do telespectador.

A maneira como a câmera é utilizada, a imagem, o som, a iluminação, a narração em *off*, o enquadramento escolhido, a edição quase sem cortes, etc., faz o público se prender aos detalhes que as cenas podem vir a oferecer.

A grande repetição das imagens e da narrativa do repórter, a presença do flagrante entre outros, são efeitos que quando juntos são capazes de produzir uma relação de tensão e suspensão, prendendo a atenção do público à reportagem. O close e super close, são os enquadramentos mais utilizados para ressaltar cenas importantes durante a cobertura do acontecimento, enquanto o repórter faz a narração em *off*, dando ênfase a imagens de impacto que são capazes de atrair a atenção desejada.

Esta composição alimenta a carga dramática da cena e tenta por elementos ligados ao signo como a tatuagens, corte de cabelo, vestimentas, e até mesmo cicatrizes reforçar a posição de sujeito do bandido vinculado ao mau, a partir disso acontece o reforço sensacional propositalmente ao que consideram a função social deste modelo de jornalismo: representar o mau.

Como na reportagem intitulada como “Taxista é feito de refém durante assalto”, exibida no dia 4 de abril de 2017, em que o apresentador do programa, Silvan Alves, se encontra em uma delegacia e mostra os criminosos que foram detidos por participação do crime. O apresentador narra o acontecimento em *off* enquanto os closes inseridos tem caráter apelativo, na busca pela audiência, dando foco as imagens que caracterizam o conteúdo da matéria e dos criminosos, como na Figura 1, em que o cinegrafista utiliza do close na tatuagem da adolescente para atribuição de sua marginalidade, em programas dessa vertente as tatuagens são criminalizadas, associando tatuagens e bandidos.

Figura 1: Enquadramento em close na tatuagem da adolescente envolvida no crime



Fonte: Vídeo do YouTube⁴

A experiência do indivíduo que assiste ao programa está relacionado a interação direta do telespectador com o Bandeira 2. O público se envolve a trama por inúmeros aspectos, principalmente pelo fato de terem grandes possibilidades desses indivíduos já terem vivenciado um roubo, ou qualquer outro tipo de crime, desejando punição aqueles criminosos que realizaram o ato, ou simplesmente pela de curiosidade de saber de brigas entre vizinhos que acabam parando em delegacias da cidade.

O telespectador consegue se atualizar sobre os acontecimentos da cidade logo nas primeiras horas da manhã, a programação vem carregada de cobertura de casos que aconteceram na noite anterior.

A construção da narrativa durante a programação não segue uma linha apenas dramática, em um momento, uma reportagem sobre algum crime barbado, em outro uma matéria de cunho mais cômico e tranquilo, como na reportagem intitulada como “Socorro Feirante”, que traz o apresentador na delegacia entrevistando uma feirante que descobriu que seu marido havia cometido traição com sua amiga. Apesar de o caso ter ido parar na delegacia, nota-se a todo o momento que o policial, apresentador e delegado riem da situação enquanto a feirante agride a mulher acusada de traição.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R__uQ4suF08>. Acesso em 4 de abril de 2019.

Figura 2: Feirante agride amante do seu marido em delegacia



Fonte: Vídeo do YouTube⁵

A produção do *Bandeira 2* utiliza dessa construção, intercalando dramático, cômico, interação com o público e *merchandising* para elaboração da narrativa sensacionalista baseada no espetáculo das reportagens.

O contexto social facilita o sucesso de programas policiais, esse gênero jornalístico sempre trabalhou em cima da cobertura policial, mostrando que os militares cumprem o papel necessário para manter a sociedade em ordem e segura.

O apresentador que também faz o papel de repórter, sempre está pronto para fazer denúncias, a interação com o público por meio do disque-denúncia faz com que o próprio cidadão denuncie e cobre segurança, cumprindo assim, uma função social de manter a sociedade informada e em alerta sobre os perigos na cidade. As reportagens sempre apelam ao sensacionalismo para adquirir audiência, não necessariamente apenas reportagens com teor bárbaro e cruel, o cômico também se transforma em espetáculo.

Percebemos assim que as pautas inclusas na programação tendem a ter relação de proximidade com a rotina dos policiais que vai de crimes comuns a grandes crimes, ou rotinas das mais diferentes do cotidiano como briga de vizinhos, pequenos furtos, na tentativa de enredar a aventura do herói policial.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yLGN9iij_T4>. Acesso em 3 de março de 2019.

Como principal função social, o programa produz por meio das reportagens que denunciam à criminalidade crescente a ideia de vigilância que o jornalismo policial estabelece cumprindo um papel de vigiar a sociedade das atrocidades que rondam a cidade, protegendo e punindo indivíduos.

3. Considerações finais

A utilização do sensacionalismo nos noticiários e a transformação dos fatos em verdadeiros espetáculos vêm nos fazer refletir sobre como essa narrativa sensacional pode vim a confrontar a nossa perspectiva de realidade social que é construída pela mídia.

Se esses programas se mantem de pé em diversas emissoras até os dias atuais é porque existe uma demanda pra isso, a sociedade anseia por justiça, a postura firme do apresentar diante dos criminosos, os julgamentos feitos e a busca pela resolução dos crimes cometidos, sacia esse desejo público, mantendo assim um grande poder de afetação por conta de sua narrativa estruturada de maneira similar ao cotidiano dos cidadãos.

Com base na análise das cenas do objeto de estudo, o programa Bandeira 2, chega-se à conclusão que o noticiário de cunho policial, utilizando-se de elementos como, postura do apresentador, narrativa sensacional, exploração dos *fait divers*, efeitos e enquadramento da câmera, transformam as notícias em verdadeiros shows midiáticos, com um único objetivo de chocar o público e obter audiência, envolvendo sensorialmente o telespectador, mostrando a realidade hostil na qual cidade se encontra.

Referências

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. Volume 47. São Paulo: Sumus, 1995.

COELHO, Cláudio. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo, 2006

JORGE, Taís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. Tradução de Wladir Dupont. 2 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta**. São Paulo: Olho D'água e Brasiliense, 1994.

SINGER, Ben. **Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular**. In: CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução de Regina Thompson. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 95-119.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 13ª ed. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular. 2ed., 2005.